



e-ISSN 2238-8885

A CRIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO GOIANA DE ESPORTES E A INSTITUCIONALIZAÇÃO ESPORTIVA NA NOVA CAPITAL

The creation of the Goiás Sports Association and the institutionalization of sports in the new capital

La creación de la Asociación Goiana de Deportes y la institucionalización deportiva en la nueva capital

Jean Carlo Ribeiro¹

Resumo:

O estudo explora o surgimento e ações da Associação Goiana de Esportes (AGE) na cidade de Goiânia, capital de Goiás a partir de 1937. Para isso, é observada a conjuntura política no estado no período de 1939 até 1941, recorte histórico que leva em conta o ano de criação da entidade até o momento em que teve sua denominação alterada para Federação Goiana de Futebol (FGF). Como fontes de pesquisa, além de publicações acadêmicas historiográficas, pesa o aporte da imprensa escrita, em destaque o jornal *O popular* e o periódico *Correio Oficial*, este último, veículo de comunicação formal do poder estadual à época. A Associação Goiana de Esportes surgiu da iniciativa de grupos de elites em parceria com o poder público local e almejavam adequar o esporte goiano (principalmente o futebol) aos moldes daquele praticado em maiores centros urbanos do país.

Palavras-chave: Goiás. Goiânia. História do esporte.

Abstract:

The study explores the emergence and actions of the Goiás Sports Association (AGE) in the city of Goiânia, capital of Goiás from 1937. For this, the political situation in the state in the period from 1939 to 1941 is observed, a historical cut that takes into account the year of creation of the entity until the moment when it had its name changed to Goiás Football Federation (FGF). As sources of research, in

addition to historiographical academic publications, the contribution of the written press weighs, especially the newspaper *O Popular* and the periodical *Correio Oficial*, the latter being a formal communication vehicle of the state power at the time. The Goiás Sports Association emerged from the initiative of elite groups in partnership with the local government and aimed to adapt the sport of Goiás (especially soccer) to the molds of that practiced in the largest urban centers of the country.

Keywords: Goiás. Goiânia. Sport history.

Resumen:

El estudio explora la aparición y las acciones de la Asociación Goiana de Deportes (AGE) en la ciudad de Goiânia, capital de Goiás, a partir de 1937. Para ello, se observa el contexto político del estado entre 1939 y 1941, apartado histórico que toma en cuenta el año de creación de la entidad hasta que empezó a denominarse Federación Goiana de Fútbol (FGF). Como fuentes de investigación, además de publicaciones académicas historiográficas, se destaca el aporte de la prensa escrita, en particular el periódico *O popular* y el diario *Correio Oficial*, este último siendo el medio de comunicación formal del poder estatal en esa época. La Asociación Goiana de Deportes surgió de la iniciativa de grupos de élites en colaboración con el poder público local, y tenía como objetivo adaptar el deporte goiano (principalmente el fútbol) a los estándares del practicado en los principales centros urbanos del país.

Palabras clave: Goiás. Goiânia. Historia del deporte.

Introdução

Ao longo das décadas de 1920 e 1930, a ideia de uma “civilização esportiva” ganhou contornos que deram a essas práticas uma função de adaptação de corpos e mentes a novas e aceleradas demandas tecnológicas (SEVCENKO, 1998a). Os esportes, inicialmente manifestados em maiores centros urbanizados e próximos ao litoral brasileiro, porta de entrada das novidades do continente europeu, não demoraram a extrapolar esses limites, adentrando a hinterlândia.

No estado de Goiás, porção central do Brasil, o propósito da transferência da capital da cidade de Goiás para Goiânia, ocorrido ao longo da década de 1930, foi largamente utilizado no campo político como símbolo de modernização do interior do país. A nova capital projetada teve iniciada sua construção assistida pela retórica de novos costumes e sentidos de organização e convívio social.

Até meados da década de 1930 já haviam registros de “vida esportiva” em pelo menos 24 dos 52 municípios do estado de Goiás (DIAS, 2018). No entanto, o crescente entusiasmo esportivo não escondia certo descontentamento na comparação com outros estados, principalmente aqueles com maiores aglomerações urbanas onde já era comum, desde a primeira década do século XX, a presença de entidades (ligas e associações), que direcionavam e geriam competições, principalmente aquelas relacionadas ao futebol.

Considerando esse cenário, o objetivo desse estudo é explorar informações que tratam do surgimento e ações da Associação Goiana de Esportes (AGE) em Goiânia, cidade planejada e construída a partir de 1933, que se tornou capital de Goiás em 1937. O recorte temporal escolhido leva em conta registros históricos que indicam o contexto para o surgimento da instituição em 1939, assim como o desenvolvimento de suas ações no campo esportivo local e regional até 1941, ano em que assumiu nova denominação e função, passando a legislar somente sobre a modalidade futebol.

Como fontes de pesquisa, além de publicações acadêmicas historiográficas que auxiliaram na contextualização do tema, pesa o aporte da imprensa escrita da época. O jornal *O popular* e o periódico *Correio Oficial*, este último veículo de comunicação formal do poder estadual, surgem em destaque como principais matrizes de informações. À época, os dois difusores de comunicação registravam o cotidiano da nova capital, destacando agentes sociais, o modo de vida e a maneira de perceber e se relacionar, inclusive com e por meio do esporte.

Fácil notar a proximidade desses periódicos com o grupo político local que ascendeu ao governo após 1930. O uso recorrente de hipérboles indica que as notícias tinham como objetivo enaltecer fatos e acontecimentos. Um exagero literário que, por certo, objetivava uma impressão aumentada do autêntico, fazendo das figuras de linguagem um instrumento que descrevia muito mais que o real, o cenário pretendido, idealizado.

O material relativo ao jornal *O popular*, foi coletado junto ao Centro de documentação da Organização Jaime Câmara (CEDOC) em Goiânia. Já a consulta aos exemplares do *Correio Oficial*, foi realizada junto à Superintendência Executiva de Cultura do Estado de Goiás (SECULT), nos acervos do Arquivo Histórico Estadual, localizado na Praça Cívica, região central da capital goiana.

Goiás e a narrativa do “novo”

Após o golpe de Estado que culminou com a deposição de Washington Luís em 24 de outubro de 1930, impedindo a posse do presidente eleito Júlio Prestes, Getúlio Vargas ascendeu à presidência do Brasil. Alguns dias depois, o médico Pedro Ludovico Teixeira foi nomeado, pelo governo provisório da República, interventor no estado de Goyaz. Prometendo dinamismo e desenvolvimento, Ludovico desde então “semeou” o assunto da mudança da sede administrativa do governo estadual da histórica cidade de Goiás para uma nova capital. A realocação tornou-se fato central da narrativa de transformação e progresso goiano, alardeada como um “divisor de águas entre o velho e o novo” (RODRIGUES, 2015; CHAUL, 2002).

A ideia já havia sido ventilada no século XVIII por Dom Marcos José de Noronha e Brito, o “Conde dos Arcos” - primeiro governador da capitania de Goiás - e no século XIX por Miguel Lino de Moraes e José Vieira do Couto Magalhães, presidentes de província de Goiás, ainda no período imperial (BRASIL, 1982; PALACÍN, 1986). Em 1930, segundo o grupo político em ascensão, além de atender expectativas pretéritas, uma nova e planejada cidade poderia impulsionar o estado, enquadrando-o num modelo europeu de progresso e civilização. O empreendimento acatava imposições advindas da expansão capitalista em curso e à medida que novos valores, práticas e ideias eram difundidos, eram questionados antigos hábitos, que aos olhos de muitos goianos, dificultavam o progresso local.

O modelo de grande concentração urbana como passo fundamental na evolução social humana foi fortemente representado no Brasil durante as primeiras décadas do século XX. O Rio de Janeiro, metrópole sede do governo da República e expoente citadino no período, determinava modas e modos de vida, estabelecendo valores e padrões de comportamento, trazendo o conceito de modernidade para um campo existencial e íntimo (SEVCENKO, 1998a). A ideia de um “novo e verdadeiro” Brasil era caracterizada pela introdução de inéditas regras de consumo, instigadas pela informação publicitária, revistas ilustradas, surgimento do mercado fonográfico e do cinema, além da difusão das práticas esportivas (SEVCENKO, 1998b).

Os goianos, situados em posição periférica em relação aos centros hegemônicos do país, flertavam com o futuro inspirados por um sentimento de pertencimento à nação. Era comum o sertão brasileiro ser ilustrado como um lugar “[...] do nada, metáfora da ausência, território da barbárie, reino da doença e da preguiça [...]” (PINTO, 2009, p. 41). Na expectativa de “deixar esse lugar” e assumir nova condição, manifestava-se a negação ao passado e o descarte do simbólico, mas pesado e indesejado fardo do atraso e do isolamento.

Atento a essas inclinações, Pedro Ludovico, ainda durante a década de 1920, sintonizou-se com interesses econômicos de grupos de produtores rurais do sul e sudoeste do estado e, apoiado no discurso oposicionista, projetou sua plataforma política de inserir Goiás definitivamente no cenário nacional (CHAUL, 2009). Insistindo na representação de um cenário decadente, o futuro interventor e seus aliados atacavam diretamente as estruturas políticas da primeira república em Goiás.

O discurso empregado insistia na imagem do “novo”. Homens que deveriam guiar o estado inspirados por uma mentalidade progressista, moderna e dinâmica, ocupando o lugar do “velho”, alusão feita às oligarquias tradicionais. Esse núcleo oposicionista, composto inclusive por camadas meio urbanas (novidade na política goiana até então), se expandiu durante a segunda metade da década de 1920 com uma organizada pauta de reivindicações. Abastecido pelo

crescimento econômico registrado nas regiões sul e sudoeste do estado, o movimento – inicialmente ainda pouco associado aos debates nacionais – trouxe à tona insatisfações locais, representadas principalmente na oposição à família Caiado, oligarquia que liderava o cenário político goiano no período. As reivindicações encontraram ressonância em nível nacional com a Aliança Liberal, grupo derrotado nas eleições presidenciais em 1930 e que, em seguida, articulou o golpe de Estado que conduziu Getúlio Vargas à cadeira presidencial (MELO JÚNIOR, 2010).

O cenário projetado pelo grupo ascendente compreendia uma visão de mundo considerada então fundamental para uma sociedade moderna. Essa ideia de modernidade, de acordo com Lander (2005, p. 13), captura de forma complexa dimensões básicas do conhecimento tais como:

- 1) a visão universal da história associada à ideia de progresso (a partir da qual se constrói a classificação e hierarquização de todos os povos, continentes e experiências históricas);
- 2) a “naturalização” tanto das relações sociais como da “natureza humana” da sociedade liberal-capitalista;
- 3) a naturalização ou ontologização das múltiplas separações próprias dessa sociedade; e
- 4) a necessária superioridade dos conhecimentos que essa sociedade produz (“ciência”) em relação a todos os outros conhecimentos.

Mirando a nova ordem social imposta pelas sociedades liberais industriais, esse comportamento foi reconhecido como próprio da natureza humana em busca de “evolução”. Assim, fez-se necessário empregar esforço no esquecimento de tudo o que era tradicional e consequentemente arcaico, sob pena de Goiás jamais sair do patamar de estado “satélite”, ou de “terceira classe” e superar sua experiência histórica sertaneja que em tese, impedia o progresso e a modernização desta sociedade (MENDONÇA, 2012).

As elites que assumiram o poder executivo em Goiás no ano de 1930, reproduziam o discurso de dominação europeia, mas, sutilmente travestido de “regionalidade”, uma forma de auto colonização. Exibindo sua missão civilizadora a partir de um enfoque eurocêntrico, pensaram e organizaram a totalidade do tempo e do espaço de um ponto de vista elitista, sob os pilares da experiência e da especificidade histórica e cultural europeia, como sendo esta, uma referência superior e universal.

O elemento modernidade era utilizado como um dispositivo (colonizador e imperialista) de transformação da sociedade. Ao mesmo tempo em que normalizava algumas ações, comportamentos e formas de organização e conhecimento da sociedade, tratava outras como diferentes, primitivas, pré-modernas, anteriores ao desenvolvimento histórico dessa sociedade e por isso inferiorizadas (LANDER, 2005). Para o grupo emergente, consequentemente após esse “despertar”, os goianos seguiriam apoiados em novo ideal.

Uma nova capital: repercussões no esporte

Até a primeira metade da década de 1930, apesar da existência de clubes com estatutos registrados e outras formalidades, a falta de uma entidade que organizasse torneios e representasse tanto agremiações como o próprio estado em competições nacionais incomodava aqueles que, ao lançarem um olhar para o que já ocorria em outras localidades do Brasil, percebiam essa lacuna no esporte goiano.

Na cidade de Goiás, ainda capital do estado, o assunto era recorrente desde a década de 1920. Elites locais perspectivando no esporte um caráter “fidalgó” – símbolo de desenvolvimento que deveria ser organizado e cultivado – defendiam que a superação da precariedade, da informalidade e da improvisação no universo esportivo local, necessariamente era um dos caminhos a serem trilhados para o desenvolvimento regional (RIBEIRO, 2021; DIAS, 2012; DIAS 2013).

A impossibilidade de participação de uma seleção estadual de futebol que representasse Goiás em torneios nacionais, situação viável apenas por meio da formalização de uma liga ou associação, destacava-se como um relevante inconveniente. Apoiados nesta justificativa, um grupo, formado por comerciantes, artistas, políticos, jornalistas, poetas e escritores da cidade de Goiás, criou a Associação Goyana de Esportes Athleticos (AGEA) em 14 de julho de 1930, pioneira entidade dirigente de caráter esportivo em solo goiano (DIAS, 2012; DIAS, 2013; RIBEIRO; NUNES, 2022).

Diferentes problemas influenciaram para que a AGEA não conseguisse atingir o nível de organização idealizado. Entre eles, destaca-se a importação descontextualizada de estatutos, códigos e regulamentos de uma entidade de outro estado, a Associação Paulista de Esportes Athleticos (APEA). Importante também considerar que a partir de 1933, iniciativas que ditavam rumos ao esporte e outros movimentos sociais aos poucos foram redirecionadas da cidade de Goiás para a nova capital em construção, e isso seguramente contribuiu para abreviar a vida da AGEA que, a partir de 1934, desapareceu do cenário esportivo goiano (RIBEIRO; NUNES, 2022). O período foi marcado pelo consistente movimento de transição domiciliar de boa parte da população da cidade de Goiás para a nova capital à procura de oportunidades, melhores condições de trabalho ou simplesmente pela migração de órgãos públicos e estabelecimentos privados.

Em 24 de outubro de 1933, uma solenidade marcou a fundação e o início da construção da “nova capital”, já que o nome “Goiânia” foi oficializado somente pelo decreto nº 327 de 02 de

agosto de 1935 que criou município e comarca. A área escolhida para o início das obras fazia parte do município de Campinas – distante aproximadamente 140 quilômetros da cidade de Goiás – cujo censo demográfico de 1920 indicava a presença de 3.878 moradores (BRASIL, 1929, p. 569). O exato local demarcado para o início das obras da nova capital distava aproximadamente cinco quilômetros do pequeno aglomerado urbano que, ao longo dos anos, tornou-se bairro de Goiânia.

Em 23 de março de 1937, foi publicado o decreto nº 1.816, mudando definitivamente a capital do estado da cidade de Goiás para Goiânia, apesar do local ser ainda um “canteiro de obras” com aproximadamente 6.000 residentes. No censo de 1940, Goiânia já contava com uma população de 48.166 habitantes (BRASIL, 1956, p. 256). Após sete anos de sua fundação, já havia ultrapassado com larga vantagem o número de moradores da cidade de Goiás e demais municípios do estado, apesar de ainda figurar entre as menores capitais brasileiras (o mesmo censo apontava São Paulo com 1.326.261 e o Rio de Janeiro com 1.764.141 habitantes, identificadas como as cidades mais populosas do país).

O rápido aumento demográfico ao longo da segunda metade da década de 1930 favoreceu um singular movimento em torno do esporte. Além do surgimento de agremiações que disputavam jogos de futebol entre si e contra equipes do interior, também há registros de torneios e partidas de basquetebol, tênis e prática de modalidades como remo, natação e patinação. Durante eventos que referenciavam o aniversário de fundação da cidade e outras datas comemorativas – conhecidos por “Circuito de Goiânia” – foram promovidas corridas a pé e provas de bicicletas, motocicletas, cavalos, além de disputas de futebol, voleibol e basquetebol. As competições reuniam moradores da capital e do interior, tanto como participantes como expectadores (RIBEIRO, 2021).

Em 28 de abril de 1936 foi fundado o “União Americana Esporte Clube”, que recebeu do *Correio Oficial* a designação de primeiro clube esportivo de Goiânia (GOIÁS, 1936). Outros relatos demonstram que a presença do esporte entre as possibilidades de divertimento da população independia da formalização de clubes. Uma partida de futebol ainda em maio de 1936, dividiu jogadores em duas equipes: uma representando “Goiânia” e outra “Campinas”. Entre os presentes, apoiadores da causa esportiva, autoridades e moradores que assistiram a vitória dos representantes de Goiânia (SOUZA, 2019).

A presença de figuras políticas em eventos esportivos indicava a atenção que o grupo situacionista dispensava ao esporte no período inicial da cidade. A influência de ideais médico higienistas também contribuiu para que essas práticas fossem propagadas como relevantes na reconstrução de hábitos e regeneração de costumes. Embora os modelos de estruturação,

institucionalização, gestão, organização e prática de esportes continuassem em boa medida com as mesmas características e formados pelos mesmos grupos e agentes mobilizadores que geriam esses processos antes da existência da nova capital, a inovação materializava-se no envolvimento estatal e apoio na destinação de espaços e aplicação de recursos em estruturas e eventos esportivos (RIBEIRO, 2021).

Destacado como um dos elementos de modernização, o esporte definitivamente foi incluído na proposta de uma nova cultura atlética, situação evidenciada desde o planejamento e início das obras de construção de Goiânia. Como uma das consequências dessa agitação, antigos debates sobre a fragilidade do esporte institucionalizado foram suscitados.

A Associação Goiana de Esportes

Em julho de 1938, o jornal *O popular* noticiou uma reunião do prefeito de Goiânia, Venerando de Freitas Borges, com agentes da causa esportiva. Promovida em sua própria residência, teve como principal intuito, debater a realização de um certame estadual de futebol. A nota também destacava a agitação em torno da criação de uma liga esportiva em Goiás e a parceria do prefeito com o Superintendente geral de obras da nova capital, Jerônimo Coimbra Bueno, para que fosse estruturada uma praça de esportes em Goiânia com melhores condições de uso para praticantes e público assistente (O POPULAR, 1938)

A essa altura duas agremiações se destacavam no cenário esportivo/futebolístico: o Atlético Clube Goianiense e o Corinthians Goiano Futebol Clube. O primeiro, fruto dos anseios de jovens e entusiasmados esportistas moradores do agora bairro de Campinas, foi fundado em 02 de abril de 1937. Já o Corinthians Goiano Futebol Clube (Goiânia Esporte Clube a partir de junho de 1939), criado em 27 de maio de 1938 com o objetivo de representar a nova capital, demonstrou força política e econômica desde a composição de sua primeira diretoria. Como presidentes de honra do clube, foram aclamados os nomes do interventor estadual Pedro Ludovico, de Jerônimo Coimbra Bueno e João Teixeira Álvares Júnior, respectivamente, superintendente geral de obras de Goiânia e secretário geral do estado (VIEIRA; SOUZA, 1938).

Outros grupos de entusiastas também organizavam seus quadros e ao longo do ano de 1939 surgiram diferentes equipes de futebol, entre elas: Equipe de estudantes do Liceu Goiânia, da Empresa de Construções Gerais (ECG), da Polícia Militar, do Botafogo, do Liceu Industrial, do Clube Esportivo Operário e do Campinas Esporte Clube (O POPULAR, 1939i; O POPULAR, 193k; O POPULAR, 1939o; O POPULAR, 1940a).

A conjuntura aguçou a ambição por torneios e certames institucionalizados e com o apoio do poder público, uma associação esportiva começou a ser estruturada ainda em 1939. Àquela altura, Goiás era o único estado da federação que ainda não possuía uma liga de futebol. O caminho escolhido foi similar ao traçado pela extinta Associação Goyana de Esportes Athleticos e começou a tomar forma quando foi solicitado ao conselho supremo da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), o envio de cópias dos documentos da Liga de Futebol do Rio de Janeiro (LFRJ), a serem utilizados como referência à entidade goiana (LODI, 1939).

Em junho de 1939, durante uma reunião preparatória, foram indicados os nomes do secretário geral do estado João Teixeira Álvares Júnior e do prefeito Venerando de Freitas para, respectivamente, ocuparem os cargos de presidente e vice-presidente da futura entidade, já denominada de Associação Goiana de Esportes (AGE). Outros elementos envolvidos com clubes de futebol da nova capital, ocuparam os demais cargos da diretoria e uma comissão ficou responsável pela elaboração dos estatutos (O POPULAR, 1939l);

O jornal *O Popular*, desde março promovia uma campanha junto aos prefeitos de diversos municípios goianos, publicando suas manifestações de apoio a um certame estadual de futebol. Gestores de cidades do interior como Jataí, Morrinhos, Bela Vista, Pouso Alto, Anápolis, Rio Verde e Catalão, não só assumiam o compromisso de participação no torneio, como também garantiam que as equipes já estariam em fase de preparação. De Ipameri, foram enviadas manifestações de apoio que sugeriam para além do torneio de futebol, a realização de campeonatos estaduais de basquetebol, tênis e voleibol, em face do nível de desenvolvimento destas modalidades, principalmente nas regiões central, sul e sudoeste do estado (O POPULAR, 1939a; O POPULAR, 1939b; O POPULAR, 1939c; O POPULAR, 1939d; O POPULAR, 1939e; BENEDITO JUNIOR, 1939; O POPULAR, 1939g; O POPULAR, 1939h; O POPULAR, 1939m).

Da capital federal vieram outras declarações. A imprensa carioca por meio do jornal “Imparcial”, publicou em 28 de abril uma nota sobre a movimentação em torno da criação da liga, destacando o fato de Goiás ser o único estado a ainda não possuir entidade desse caráter. A matéria associou a fundação à possibilidade de participação dos goianos pela primeira vez no Campeonato Brasileiro de Seleções – antigo anseio dos goianos. Na nova capital, o interventor Pedro Ludovico comprometeu-se com um investimento de 20 contos de réis dos cofres do estado, para melhorias no precário campo de futebol de “terra batida” da cidade, localizado na avenida Paranaíba (O POPULAR, 1939f; O POPULAR, 1939j).

Na contramão dos pronunciamentos otimistas, ainda em abril, a diretoria da equipe do município de Bela Vista denunciou que equipes goianas estavam em contato com jogadores

profissionais de outros estados para a disputa do campeonato estadual de futebol – que sequer havia sido anunciado pela associação que ainda nem existia. Os dirigentes do clube do interior defendiam a proibição de tal prática e a exigência do envio prévio da relação dos jogadores com a comprovação de serem todos “locais”, justificando o posicionamento com a argumentação de que o primeiro campeonato serviria para divulgar o esporte do e no estado, valorizando a juventude e oportunizando a formação de jogadores “legitimamente goianos” e que pudessem representar o futebol de Goiás em outras regiões (BARBOSA, 1939).

Além do debate entre profissionalismo e amadorismo no futebol, o clima de euforia e empolgação relegava a segundo plano questões de planejamento como o formato de disputa, logística e custos de organização (viagens, hospedagem, alimentação), ações fundamentais para que as ideias se concretizassem. Mesmo com intensa discussão, em meados de 1939 a Associação Goiana de Esportes ainda não havia sido criada e sua instalação solene deu-se somente em 1º de novembro de 1939. Naquele dia foram aprovados os estatutos, apresentados pela comissão responsável por sua elaboração e empossada a primeira diretoria, confirmando os nomes do secretário geral do estado e do prefeito de Goiânia na presidência e vice-presidência. Um conselho de justiça e um conselho fiscal também foram criados junto aos demais cargos da diretoria. Marcaram presença nos postos nomes ligados às diretorias dos clubes de futebol, já conhecidos pelo envolvimento na causa esportiva. Com os clubes filiados e a AGE instalada, foram tomadas providências para a inscrição junto à CBD, no Rio de Janeiro (O Popular, 1939n)

Uma carta de agradecimento assinada pelo presidente João Teixeira e endereçada à CBD, além de destacar o feito, reforçava talvez a principal aspiração daquele momento: figurar com uma equipe goiana de futebol no Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais (O POPULAR, 1939n). Pela segunda vez em Goiás, uma entidade esportiva era criada com a finalidade expressa em seus estatutos de “a) representar e dirigir a pratica de esportes nas suas diferentes modalidades[...]”, apesar do debate gravitar somente em torno do futebol, fato que desconsiderava a presença no estado de experiências esportivas em outras modalidades (CORREIO OFICIAL, 1939, p. 4; RIBEIRO, 2021).

Os novos ares de organização do futebol em Goiânia, porém, apresentaram seus limites. Sem conseguir articular um torneio estadual, a AGE projetou uma competição entre cinco equipes da nova capital para 1940. Goiânia Esporte Clube (nova denominação do Corinthians Goiano), Atlético Clube Goianiense, Clube Esportivo Operário, Empresa de Construções Gerais (ECG) e o Campinas Esporte Clube participaram do “Campeonato da Cidade”, primeiro certame organizado por uma associação de clubes no Estado. Segundo o jornal *O Popular*, o assunto dominou rodas de conversa e motivou a preparação dos clubes (O POPULAR, 1940b).

De acordo com o regulamento, um “Torneio Início” foi disputado na tarde do dia 14 de abril de 1940. O Goiânia E. C. venceu o torneio de abertura, assim como, por somar o maior número de vitórias e pontos nas partidas disputadas entre os meses de abril e agosto, foi declarado de forma invicta, “campeão da cidade de Goiânia”. Os jogos aconteceram nas duas principais praças esportivas da cidade. Além do campo da avenida Paranaíba, no centro de Goiânia, um segundo espaço, também de terra batida e localizado no limite sul do bairro de Campinas, havia sido aberto por iniciativa dos rapazes envolvidos com o Atlético Clube Goianiense (O POPULAR, 1940c; O POPULAR, 1940d).

Após o campeonato municipal e já no segundo semestre, a AGE colaborou na organização de dois encontros interestaduais. O jogo entre Goiânia E. C. e o “Campeão do Triângulo Mineiro”, Uberlândia Esporte Clube ganhou destaque na imprensa escrita como primeiro encontro interestadual de futebol na nova capital e aconteceu no agora denominado “Estádio Pedro Ludovico”. O antigo campo da avenida Paranaíba, com obras em adiantado estado, já contava com arquibancadas, placar e campo de jogo isolado do público. A outra partida aconteceu entre Goiânia E. C. e Operário de Araguari e foi disputada no mesmo estádio (O POPULAR, 1940e; GOIÁS, 1940).

Os demais clubes seguiram o ano de 1940 com suas rotinas de treinos e jogos. Larga divulgação era destinada ao cotidiano do Goiânia E. C., reforçando a narrativa do clube como representante da nova capital na modalidade, principalmente após assumir o nome da cidade na sua identificação. A proximidade dos periódicos ao governo interventor evidenciava a predileção pelo clube e, conseqüentemente, a pouca consideração às demais agremiações.

Em 1941, mesmo com as equipes do Goiânia E. C., Atlético C. G., Campinas E. C., América F. C. e Tiro de Guerra 323 manifestando condições de competir, não foi realizado o torneio de futebol municipal. Dirigentes chegaram a cogitar o certame, com previsão para acontecer entre os meses de maio e junho. Uma proposta para que o campeão pudesse enfrentar equipes das cidades vizinhas foi debatida, talvez na tentativa de buscar um formato de campeonato estadual, pretensão que mais uma vez restou frustrada (O POPULAR, 1941a).

Ainda em 1941, a Associação Goiana de Esportes (AGE), teve sua denominação alterada para Federação Goiana de Futebol (FGF), passando a legislar exclusivamente no âmbito dessa modalidade. A mudança por certo colaborou para que um antigo anseio dos futebolistas goianos fosse concretizado naquele ano: a participação no Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais. Através da FGF, pela primeira vez foi articulado o envio de um selecionado goiano ao certame nacional que já estava em sua décima nona edição (CHIAVONE, 1941).

O empenho demonstrado em torno da seleção goiana de futebol revelou a prioridade dos dirigentes goianos. Depois da transformação da AGE em FGF, às demais modalidades restou a predisposição do Conselho Regional de Desportos de Goiaz que, subordinado ao Conselho Nacional de Desportos, tinha como uma de suas finalidades promover e controlar o esporte em nível amador e profissional (O POPULAR, 1941b).

O conselho foi criado após a publicação do decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, em que a Presidência da República estabelecia as bases de organização esportiva em todo o País, formalizando um “servilismo” do esporte ao Estado brasileiro. Em Goiás, por certo, o dispositivo legal normatizou o que já acontecia, fortalecendo ainda mais a influência do governo interventor sobre entidades esportivas, influxo facilmente percebido desde os primórdios da construção de Goiânia. Em nome do desenvolvimento do esporte goiano, os méritos das ações estiveram vinculados a um restrito círculo de pessoas ligadas ao poder público local.

Considerações Finais

Principalmente a partir da segunda metade da década de 1930, o eixo de ações esportivas em Goiás aos poucos foi se redirecionando. O surgimento de Goiânia foi largamente destacado pela imprensa situacionista e estatal como alavanca de significativa transformação estrutural, sociocultural, política e econômica. O discurso do inédito, acrescido de componentes modernizantes, era reforçado pela retórica de um novo bandeirantismo, ao mesmo tempo em que eram repetidas práticas semelhantes às aquelas condenadas e apontadas como ultrapassadas.

Com ampla utilização dos meios de comunicação impressos, o governo goiano empenhou-se na imposição de uma nova ordem social. Essa apropriação de signos de distinção – entre eles os esportes – era sustentada por posicionamentos ideológicos, nos quais princípios como nacionalismo, higienismo e progresso determinavam o ritmo das narrativas. Selecionado como um dos símbolos de modernização, o esporte foi incluído na proposta de uma nova cultura atlética, situação evidenciada desde o planejamento e início das obras de construção de Goiânia.

A criação da Associação Goiana de Esportes em 1939 retrata o esforço em concretizar esse ideal esportivo. Apesar do distinto contexto de criação, quando comparada à sua extinta predecessora Associação Goyana de Esportes Athleticos, fundada em 1930 na antiga capital, os caminhos escolhidos assemelham-se e, por consequência, sofreram de problemas parecidos.

A AGE surgiu a partir grupos de elites onde prevalecia o discurso da falta de adequação do esporte goiano (com ênfase no futebol) aos moldes daquele praticado em centros urbanos considerados como referência e padrão, mesmo, obviamente, estando em realidades muito

diferentes. Na busca por modelos ideais a serem reproduzidos, pouco ou nada seria debatido em relação ao contexto goiano e à complexa realidade esportiva já existente na região.

A necessidade de um protagonismo da nova capital como um pretense polo irradiador do esporte dificultou a adesão de equipes do interior do estado, o que resultou na participação apenas de equipes de Goiânia no único torneio de futebol organizado pela associação em 1940, antes de tornar-se Federação Goiana de Futebol. Indiferentes ao esforço de institucionalização, outras tantas equipes do interior e da própria capital, continuavam promovendo jogos e eventos esportivos à revelia de qualquer entidade.

A contradição notada indica que, embora a movimentação esportiva no estado fosse divulgada como inédita, os modelos de estruturação, institucionalização, gestão, organização e prática de esportes continuaram no período de atuação da AGE, em boa medida com as mesmas características e formados pelos mesmos grupos e agentes mobilizadores existentes antes do surgimento da nova capital, a maioria deles advindos da cidade de Goiás, capital do estado até 1937. O discurso de que tudo seria novidade e estaria acontecendo pela primeira vez no estado, necessariamente deve ser relativizado.

Referências:

- BARBOSA, D. Como será o primeiro campeonato de futebol no Estado? **O Popular**, Goiânia, ano II, n. 104, p. 2, 23 abr. 1939.
- BENEDITO JUNIOR, J. O campeonato de foot-ball, atravez de uma carta de um esportista. **O Popular**, Goiânia, ano II, n. 106, p. 2, 30 abr. 1939.
- BRASIL. **Recenseamento do Brasil. Realizado em 1º de setembro de 1920.** Volume IV (4ª parte). População. População do Brazil por Estados, Municipios e Districtos, segundo o grão de instrução, por idade, sexo e nacionalidade. Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio – Directoria Geral de Estatistica. Rio de Janeiro: TYP. DA ESTATISTICA, 1929.
- BRASIL. **Decreto-lei nº 3.199 de 14 de abril de 1941.** Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Publicado no Diário Oficial da União - Seção 1 de 16/04/1941 (Publicação Original). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 21 jul. 2024.
- BRASIL. **Censo demográfico.** Série Nacional. Volume 1. I.B.G.E. - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro: 1956.
- BRASIL, A. A. do. **Súmula da história de Goiás.** 3ª ed. Goiânia: Unigraf, 1982.
- CHAUL, N. F. **Caminhos de Goiás:** da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia: Ed. da UFG, 2002.
- CHAUL, N. F. Goiânia: a capital do sertão. **Revista UFG**, v. 11, n. 6, p. 100–110, 2009.
- CHIAVONE, J. Ainda o jogo Goiaz x Mato grosso. **O Popular**, Goiânia, ano IV, n. 318, p. 2, 20 nov. 1941.

DIAS, C. História do esporte no sertão brasileiro: Memória, poder e esquecimento. **Materiales para la Historia del Deporte**, n. X, p. 24–36, 2012.

DIAS, C. Primórdios do futebol em Goiás, 1907-1936. **Revista de Historia Regional**, v. 18, n. 1, p. 31–61, 2013.

DIAS, Cleber. **Esportes nos confins da civilização: Goiás e Mato Grosso, 1866-1936**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2018.

GOIAZ. Decreto nº 327 de 2 de agosto de 1935. **Arquivo histórico do estado** - Secretaria de Estado da Cultura (SECULT Goiás). Caixa nº 1 – Pedro Ludovico Teixeira, 1932, 1933, 1934, 1935 – Decretos: mudança da capital. Governo Pedro Ludovico Teixeira. 1935.

GOIÁS. A fundação do primeiro Clube Esportivo Goiano. **Correio Oficial - Orgão dos Poderes do Estado de Goiaz**; Goiânia, ano LXXX, n. 3.221, p. 1, 5 maio 1936,

GOIAZ. Decreto nº 1.816 de 23 de março de 1937. Transfere para Goiânia a Capital do Estado de Goiaz. **Correio Oficial** – Orgão dos poderes do Estado de Goiaz: Goiânia, GO, ano LXXXI, n. 3.403, p. 1, 25 mar. 1937.

GOIÁS. Estatutos da Associação Goiana de Esportes. **Correio Oficial – Orgão dos poderes do Estado de Goiaz**; Goiânia, ano 103, n. 3.951, p. 4, 14 nov. 1939.

GOIÁS. O “Operário de Araguari” contra o “Goiânia Esporte Clube”. **Correio Oficial – Orgão dos poderes do Estado de Goiaz**; Goiânia, ano 104, n. 101, p. 1, 13 nov. 1940,

LANDER, E. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêtricos. In: LANDER, E. (Org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires/Argentina: CLACSO, 2005. p. 8-23.

LODI, J. Breve será fundada a Liga de Foot-ball de Goiaz. **O Popular**, Goiânia, ano II, n. 108, p. 6, 7 maio 1939.

MELO JÚNIOR, C. de. Revolução de 1930 e as oligarquias goianas: as disputas pelo poder em Goiás no pós-golpe. **Pergaminho: Revista discente de Estudos Históricos**. Patos de Minas/MG, n. 1, p. 10-29, set. 2010.

MENDONÇA, J. G. C. **O outro lado da mudança da capital de Goiás**. 2012. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/db5e4a73-241c-430e-830b-5269d5b6ad50>. Acesso em: 12 set. 2024.

O POPULAR. Esportes. **O Popular**, Goiânia, ano 1, n. 28, p. 2, 10 jul. 1938.

O POPULAR. Promove-se no Estado de Goiaz um campeonato de foot-ball. **O Popular**, Goiânia, ano I, n. 98, p. 1, 26 mar. 1939a.

O POPULAR. O campeonato de futebol no Estado. **O Popular**, Goiânia, ano I, n. 99, p. 1, 30 mar. 1939b.

O POPULAR. Campeonato de futebol no Est. de Goiaz. **O Popular**, Goiânia, ano II, n. 102, p. 4, 13 abr. 1939c.

O POPULAR. Campeonato de futebol. **O Popular**, Goiânia, ano II, n. 104, p. 6, 23 abr. 1939d.

O POPULAR. Anapolino F. C aderirá ao campeonato. **O Popular**, Goiânia, ano II, n. 104, p. 6, 23 abr. 1939e.

O POPULAR. 20.000\$000 para o campo de futebol. **O Popular**, Goiânia, ano II, n. 105, p. 4, 26 abr. 1939f.

O POPULAR. Campeonatops goianos. **O Popular**, Goiânia, ano II, n. 107, p. 2, 4 maio 1939g.

O POPULAR. Campeonato de foot-ball do Estado de Goiaz. **O Popular**, Goiânia, ano II, n. 108, p. 1, 7 maio 1939h.

O POPULAR. Policia Militar x Liceu. **O Popular**, Goiânia, ano II, n. 108, p. 2, 7 maio 1939i.

O POPULAR. Goiaz integrado no Foot-ball brasileiro. **O Popular**, Goiânia, ano II, n. 109, p. 3, 11 maio 1939j.

O POPULAR. Clube Esportivo Operário. **O Popular**, Goiânia, ano II, n. 117, p. 2, 8 jun. 1939k.

O POPULAR. A fundação da Liga de Esportes do Estado de Goiaz. **O Popular**, Goiânia, ano II, n. 120, p. 1, 18 jun. 1939l.

O POPULAR. O entusiasmo em Catalão pelo campeonato de foot-ball. **O Popular**, Goiânia, ano II, n. 123, p. 1 e 4, 9 jul. 1939m.

O POPULAR. “Congratulo-me com os presentes pela fundação da Associação Goiana de Esportes, e espero que o Estado de Goiaz ainda concorrerá, brilhantemente, ao Campeonato Brasileiro de foot-ball”. **O Popular**, Goiânia, ano II, n. 149, p. 4, 5 nov. 1939n.

O POPULAR. Tarde esportiva no Liceu de Artes e Ofícios. **O Popular**, Goiânia, ano II, n. 157, p. 2, 3 dez. 1939o.

O POPULAR. O Popular no Esporte - Botafogo x Leopoldo. **O Popular**, Goiânia, ano II, n. 165, p. 4, 4 jan. 1940a.

O POPULAR. “O Campeonato da cidade será de grandes proporções” - Fala a O Popular, o Secretario da Comissão Promotora do esperado certamen. **O Popular**, Goiânia, ano III, n. 191, p. 4, 7 abr. 1940b.

O POPULAR. Goiânia sagrou-se campeão no torneio inicio do campeonato. **O Popular**, Goiânia, ano III, n. 194, p. 4, 18 abr. 1940c.

O POPULAR. Mais um grande encontro Atletico versus Goiania. **O Popular**, Goiânia, ano III, n. 219, p. 4, 21 jul. 1940d.

O POPULAR. Goiânia x Uberlândia, a sensacional partida do dia 29 - O Goiânia Esporte Clube, campeão invicto de 1940, enfrentará, nesta Capital, no Estadio “Pedro Ludovico”, no próximo dia 29, o valoroso conjunto do “Uberlândia Esporte Clube”, campeão do Triangulo Mineiro. **O Popular**, Goiânia, ano III, n. 235, p. 4, 8 set. 1940e.

O POPULAR. Campeonato da cidade. **O Popular**, Goiânia, ano IV, n. 286, p. 3, 1 maio 1941a.

O POPULAR. Notas esportivas. **O Popular**, Goiânia, ano IV, n. 329, p. 4, 28 dez. 1941b.

PALACÍN, L. **Quatro tempos da ideologia em Goiás**. Goiânia: Cerne, 1986.

PINTO, R. N. **Goiânia, no ‘coração do Brasil’ (1937-1945): a cidade e a escola reinventando a nação**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

RIBEIRO, J. C. **A capital dos esportes: poder, idealismo e hábitos físico esportivos no surgimento de Goiânia (1930-1945)**. Goiânia. Editora Kelps, 2021.

RIBEIRO, J. C.; NUNES, F. S. A “vida efêmera” da Associação Goyana de Esportes Athleticos – AGEA (1930 – 1934). **Recordes**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 1-25, jan./jun. 2022.

RODRIGUES, F. R. História política de Goiás: o governo de Pedro Ludovico Teixeira e a dominação tradicional. **Multi-Science Journal**. Urutaí/GO, v. 1, n. 2, p. 3-12. 2015.

SEVCENKO, N. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, F. A. (Coord.). SEVCENKO, N. (Org.). **História da vida privada no Brasil 3. República: da *belle époque* à era do rádio**. São Paulo: Companhia das letras, 1998a.

SEVCENKO, N. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, F. A. (Coord.). SEVCENKO, N. (Org.). **História da vida privada no Brasil 3. República: da *belle époque* à era do rádio**. São Paulo: Companhia das letras, 1998b.

SOUZA, D. O. de. **Goiânia Esporte Clube, memórias em preto e branco (1936-1974)**. 2019. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de Formação de Professores e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2019. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/4204>. Acesso em: 12 set. 2024.

VIEIRA, A. M.; SOUZA, J. J. Esportes - Corinthians Goiano Esporte Club. Clube. **O Popular**, Goiânia, ano 1, n. 17, p. 2, 2 jun. 1938.

Notas:

¹ Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT) no curso de licenciatura em Educação Física, Campus de Miracema (TO). Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Práticas Corporais (NEPPraC/UFT/CNPq). E-mail: jeancarlo@uft.edu.br / <https://orcid.org/0000-0001-6877-2929>